

VINGANÇA

Robert Muchamore

Tradução de Miguel Marques da Silva



 Porto
Editora

1. Dinheiro

Kentish Town, norte de Londres

O passeio estava coberto de gelo, por causa da queda de neve dos últimos dias, e Craig Willow puxou para cima o cachecol do Tottenham, para proteger as orelhas do vento cortante. Craig era um homem corpulento, com um nariz achatado de lutador de boxe, mas já tinham passado duas décadas desde os seus dias de glória nos ringues.

Dos dois lados da rua erguiam-se casas em estilo vitoriano. Era uma zona fina e a maioria das casas fora remodelada, mas o número 16 estava uma lástima, com uma garagem a cair aos pedaços e velhas janelas de guilhotina de um verde pálido que fazia lembrar algo escarrado por alguém com uma gripe das más.

Craig enfiou a mão no bolso das calças de fato de treino e tirou a chave da porta da frente. Até há alguns verões atrás, a casa fora usada como residência estudantil. O *hall* de entrada tinha contadores de gás e eletricidade, caixas de correio e um telefone público, há muito desligado.

Não havia aquecimento, mas mesmo assim estava mais quente do que no exterior. Craig tirou as luvas de pele de carneiro e massajou os dedos antes de bater à porta de metal. Do

outro lado, alguém desceu as escadas a correr e falou num nervoso sotaque galês.

– És tu, Craig?

– Não, é o raio do Pai Natal que chegou uma semana adiantado – respondeu Craig, irritado. – Conseguem ver-me pelas câmaras de vigilância.

– O Hagar diz que toda a gente tem de dizer a palavra-passe. Ninguém entra ou sai sem a dizer.

– OK – disse Craig, respirando fundo e fechando os punhos. – A palavra-passe é: “Abre a porta, idiota, ou enfio-te a cabeça pela parede.”

Após uma pausa, ouviram-se os ferrolhos a chocalhar do outro lado da porta blindada. Quando a porta se abriu, Craig deu três passos para dentro e assentou um piparote no adolescente magricela do outro lado.

– Palavra-passe – resmungou Craig. – Continua assim e aindaavas um tabefe.

Mas Jake não levou a ameaça a sério.

– Sou filho do patrão – troçou o rapaz ao levar o recém-chegado pela escada coberta por uma tapete esfiapada. – Um destes dias ainda vais ter de me chamar chefe.

– És o *enteado* do Hagar – corrigiu Craig. – Quando ele se faltar da tua mãe, livra-se de ti como se fosses um pão seco.

A conversa parou ali porque chegaram ao cimo das escadas e entraram numa sala ampla com os estores das janelas todos corridos. Numa ponta estava um par de secretárias compridas e um contador de dinheiro eletrónico. A outra ponta da sala

era uma área de lazer, com sofás rotos e uma televisão enorme ligada na Sky Sports, sem som.

Os dois homens na sala tinham quase 50 anos e pareciam intimidados pelo físico do lutador de boxe reformado.

– Que tal o dia? – perguntou Craig.

– 360 mil libras – disse o homem mais alto, apontando para um cofre grande. – Embalados a vácuo em maços de 10 mil. O outro cofre tem 212 mil. E os sacos de ginástica têm 18 quilos de cocaína.

O antigo lutador ergueu um sobrolho e um dos homens deu um passo assustado para trás.

– Estão a gozar comigo? – exclamou Craig, furioso. – Quem disse para trazerem drogas para a casa de contagem? Porque é que não me ligaram primeiro?

– Foi um negócio que correu mal – respondeu Jake. – Era, tipo, uma emergência. O Hagar disse que era muito produto e que este era o sítio mais seguro.

Craig abanou a cabeça, desdenhoso. Era uma das regras básicas seguidas por todos os traficantes, desde barões da droga milionários até miúdos a vender doses de 10 libras nas ruas: manter sempre o dinheiro e o produto separados.

– Está previsto vir alguém levantar alguma coisa? – perguntou.

– Ficam só tu e o Jake de guarda – respondeu um dos homens de meia-idade. – A não ser que haja alterações.

– OK – disse Craig, fitando os contadores de dinheiro. – Vão para casa ter com as vossas mulheres e nem um pio sobre os 18 pacotes de pó.

– Alguns passadores não pagaram o que deviam – disse o outro homem, apontando para um bloco de notas em cima da mesa. – Os do costume. Está tudo no livro de contas.

– Uma conversa com o meu taco de beisebol costuma abrir-lhes os cordões à bolsa – disse Craig, antecipando com gosto a oportunidade de ser violento.

Jake imitou o gesto da bastonada com um sorriso idiota quando os dois contadores de dinheiro saíram para casa. Assim que a porta blindada ao fundo das escadas se fechou, Craig verificou nas câmaras de segurança que os dois homens tinham saído do edifício antes de descer para correr os ferrolhos.

Quando voltou para cima, ficou de novo irritado ao ver os sacos de ginástica com 18 quilos de cocaína por baixo de uma das secretárias. Tirando algumas acusações de agressão, Craig sempre se mantivera longe de sarilhos com a lei e nunca fora preso. Ser apanhado a guardar uma casa cheia de dinheiro ilícito dava uma pena de prisão entre três a cinco anos. Uma casa cheia de droga e dinheiro aumentava a sentença para 10 anos. A ideia apoquentava-o quando deixou cair o casaco em cima do sofá.

– O City joga na Sky daqui a nada – gritou Jake da cozinha. – Hoje fui às compras. O que te apetece? Tenho caril de micro-ondas, cachorros quentes ou posso fazer um prato de ovos com *bacon* e batatas fritas.

– Daqui a nada dou uma olhadela no frigorífico – resmungou o capanga. – Agora tenho de ir lá acima aliviar a tripa.

– Posso começar a cozinhar – disse Jake.

– Vamos ficar de guarda as próximas 12 horas, miúdo

– ripostou Craig, impaciente. – Custa-te muito esperares um pouco enquanto trato disto?

O antigo lutador pegou num exemplar do *Sun* pousado em cima da mesa de centro e subiu para a casa de banho no último andar. A sanita estava um nojo e o único produto de limpeza era uma embalagem vazia de desinfetante.

– Estou farto de porcos nojentos que nunca limpam nada por aqui – bradou Craig, frustrado, atirando a embalagem de plástico para a banheira antes de baixar as calças do fato de treino para se sentar na sanita.

– Disse alguma coisa, chefe? – gritou Jake do andar de baixo.

– Esquece – respondeu Craig, abanando a cabeça enquanto falava consigo mesmo. – Doze horas fechado aqui dentro com este idiota...

Era uma casa de banho normal, tirando o ecrã de LCD a passar imagens das oito câmaras de vigilância. As imagens mostravam tudo, desde a sala de contagem, as escadas, os andares de baixo desocupados, o jardim das traseiras e a rua diante da casa. Havia também um comando que permitia mexer as câmaras e fazer *zoom*.

Craig soltava um peido ruidoso quando foi perturbado por um restolhar atrás da cabeça. Convencido de que era um rato ou uma barata, enrolou o jornal e preparou-se para dar uma pancada, mas em vez de um inseto, viu uma mão enluvada que abrira a soco um buraco na parede de estuque.

Antes que o capanga conseguisse levantar-se, uma agulha espetou-se na carne, entre as omoplatas, e a mão injetou-lhe uma seringa cheia com um sedativo de ação rápida. O homem

pesado caiu para a frente com as calças pelos tornozelos, enquanto uma mulher com uma máscara de hóquei começava a alargar rapidamente o buraco no estuque, com cuidado para não fazer barulho.

No espaço de um minuto, a abertura era grande o suficiente para a mulher atravessar para o outro lado. Para conseguir passar, teve de empurrar o corpo inconsciente de Craig para fora da sanita. Enquanto a mulher, que se chamava Kirsten, se ajoelhava e punha dois dedos no pescoço do homem desmaiado, para verificar a pulsação, a sobrinha de 13 anos atravessava o buraco.

– Ele está bem? – perguntou Fay.

Kirsten e a sobrinha tinham a mesma altura e vestiam-se de forma idêntica, com máscaras de hóquei, calças de ganga preta, camisolas com carapuço e sapatilhas Converse All Stars pretas. Estavam as duas cobertas de estuque dos pés à cabeça.

– Vai acordar daqui a umas horas com uma dor de cabeça dos diabos e muito que explicar – respondeu Kirsten. – Não te esqueças dos sacos.

Enquanto Fay se ajoelhou no tampo da sanita e estendeu o braço pelo buraco que dava para a casa ao lado, Kirsten sacou a pistola que trazia à cintura e destrancou a porta da casa de banho.

– Se algo correr mal, foge o mais rápido que poderes – disse Kirsten. – Mas não estou a ver o Jake a dar-nos muitos problemas.

Fay assentiu. A tia abriu a porta e começou a descer as escadas. A adolescente ficou a ver do patamar quando Kirsten surpreendeu Jake na cozinha.

– De joelhos ou levas um tiro na cabeça – gritou Kirsten.

Fay pegou nas mochilas e apressou-se para o andar de baixo. Entretanto, Jake fora levado para a sala de contagem e estava de joelhos com as mãos na cabeça.

– Traz as cuecas – disse Kirsten a Fay, mantendo a arma apontada à cabeça de Jake e falando a seguir para o rapaz.

– Sabes abrir os cofres?

– Têm um trinco temporizador – respondeu Jake, abanando a cabeça freneticamente. – Agora não podem ser abertos antes das 10h00.

– Tem piada – riu-se a mulher. – Nós fizemos ligação às vossas câmaras de vigilância e estamos a vigiar a sala de contagem há duas semanas. Já vos vi a abrir a cofre a toda a hora, dia e noite.

As palavras de Kirsten deixaram Jake desanimado. Enquanto isso, Fay tirava da mochila umas estranhas cuecas de borracha.

– Alguma vez estiveste no Texas, Jake? – perguntou Kirsten.

– Não – respondeu o rapaz, desconfiado.

– Os texanos são enormes – explicou a mulher. – A minha colega está a segurar umas cuecas eletrificadas dos serviços prisionais do Texas. Quando apanham um mauzão de 150 quilos e precisam de o manter na linha, obrigam-no a usar uma coisa destas. Basta ligar por uns segundos para deixar os maiores du-rões a chorarem como meninas.

– A que horas chega o turno da manhã? – perguntou Fay, seguindo o guião ensaiado com a tia.

– Daqui a 11 horas e meia – anunciou Kirsten. – Bastam

dois choques para vergar os tipos mais duros do planeta. Agora, jovem Jake, vou injetar-te um tranquilizante e vais acordar com as cuecas vestidas. A seguir, vou ter a noite *toda* para fritar os teus pequenos tomates. Ou podes ser um bom rapaz e abrir os dois cofres agora.

– Não tenho medo de duas miúdas – ripostou o rapaz, mostrando o dedo a Kirsten.

Fay reagiu imediatamente, sacando um bastão extensível e batendo na nuca de Jake. Quando o rapaz se estendeu ao comprido na alcatifa suja, a rapariga de 13 anos pôs-lhe um pé entre as omoplatas, agarrou-lhe o braço e puxou-o para trás.

– Por favor, não! – gritou Jake.

– 11 horas – disse Kirsten, estreitando os olhos atrás da máscara de hóquei. – Podemos ser miúdas, mas gostamos de um bocado de violência.

– Parem – gemeu Jake, ofegante.

– Vais abrir os cofres? – perguntou Fay.

– Se me largares o braço.

Fay soltou-lhe o braço e deixou Jake rastejar até aos dois cofres idênticos. Quando o primeiro cofre se abriu, a rapariga começou a arrumar num saco de *nylon* os maços de notas embalados a vácuo.

– 528 mil libras em dinheiro – disse Kirsten. – Mais 18 quilos de cocaína, que podemos vender por uns 800 mil.

– 1,3 milhões – sorriu Fay. – Nada mau para uma noite de trabalho.

Depois de encherem os sacos, Kirsten injetou Jake com sedativo suficiente para o deixar inconsciente por algumas horas.

As duas ladras partiram no Astra de Jake que abandonaram atrás da estação de Saint Pancras. Depois de se livrarem da roupa preta, apanharam um táxi diante da estação e fizeram uma curta viagem até um apartamento em Saint John's Wood.